

Nacionalismo e Islamismo: identidade no mundo árabe

Roberto Aliboni¹

Este texto analisa, em primeiro lugar, o profundo enraizamento do nacionalismo árabe no conceito de *Kultur*. Em seguida, aborda dois aspectos importantes desse enraizamento: a) a contradição entre a viva intenção do nacionalismo árabe de participar no mundo moderno e a sua aspiração a fazê-lo preservando firmemente a sua cultura; b) a relação entre o nacionalismo árabe e o desenvolvimento da democracia. Finalmente, concluí que, devido às suas características, o nacionalismo árabe, uma vez em crise, acaba por ter os mesmo objectivos que o movimento islâmico e revela-se subalterno em relação a este.

O nacionalismo europeu oscilou geralmente entre os dois pólos da *Kultur* e da *Zivilisation*. No fim da Primeira Guerra Mundial, Thomas Mann publicou um ensaio intitulado «Confissões de um impolítico». Neste ensaio afirmava que a profundidade da cultura da Alemanha – no sentido étnico e antropológico, logo a *Kultur* – é em si mesma a fonte e a direcção de toda a actividade política que, em consequência, aparece no fundo mais que supérflua, destabilizadora e subversiva. Daí a sua escolha e o seu orgulho de ser um «impolítico». Esta tese conservadora, mesmo reaccionária, foi desenvolvido por Thomas Mann em polémica com o seu irmão Heinrich que, no momento em que começaram a emergir as pulsões que levariam o nacionalismo alemão à fase suprema do nazismo, desenvolvia uma actividade política visando a democracia e fixava a sua atenção sobre a França, enquanto representante da *Zivilisation*, ou seja, a evolução para um mundo mais livre, igual e fraternal ou, noutros termos, um mundo mais moderno.

Estes dois pólos agem no seio de todo o nacionalismo e misturam-se das formas mais diversas no espaço e no tempo. Para esquematizar, podemos aludir a paradigmas: de um lado, o paradigma francês, do outro, o alemão.

A revolução francesa, em parte influenciada pela revolução americana, partiu do princípio democrática mas cedo se orientou, pela sua história. para o princípio da legitimidade nacional, princípio que, em si mesmo, não é democrático. No entanto, a França guardou, inscrita na sua identidade política, uma dialéctica importante e essencial entre os dois princípios, desenvolvendo um sistema político nacionalista mas simultaneamente aberto ao princípio democrático.

¹ Istituto Affari Internazionali, Roma

O nacionalismo alemão, pelo contrário, nasceu de uma inspiração profunda e precisamente romântica, fundada no sangue, nas memórias, na tradição, na *Kultur*, ou seja, como se diria hoje em dia, na identidade. Em menor grau, esta visão romântica também influenciou uma parte do nacionalismo italiano.

Entre os diferentes nacionalismos que o exemplo europeu influenciou fora da Europa, o nacionalismo árabe aproxima-se mais do tipo alemão do que do da França ou do Reino Unido.

O nacionalismo árabe, bem entendido, também não é uniforme e mudou ao longo dos tempos. O colonialismo britânico, por seu lado, selou os princípios da democracia e da coesão nacional. Os *effendis* descritos por Freya Stark, no livro com o mesmo título, são o resultado da influência deste nacionalismo modernizador e constitucional, que depois se dissolveu no nacionalismo populista e virulento dos republicanos Egípcio e Iraque, e que sobreviveu na hachemita Jordânia. O colonialismo francês comportou um nacionalismo baseado num Estado centralizado e forte, que se encontra sobretudo no Maghreb. Os dois consagraram o princípio da secularização. Mas a característica de fundo continua a ser, no entanto, o enraizamento cultural e a preocupação com a autenticidade e a identidade.

Michel Aflak afirmou: «Não proclamamos que somos melhores mas que somos diferentes»². Kamel Abu Jaber, analisando o socialismo do partido *Ba'th* sublinha: «Apesar de usarem terminologia ocidental e de analisarem os seus problemas com uma posição ética desenvolvida no Ocidente, os socialistas árabes negam a sua herança Ocidental. Pelo contrário, insistem que o seu socialismo é indigenamente árabe, como são os seus valores e abordagens. Como pensadores políticos similares noutras áreas em desenvolvimento do mundo, os membros do partido *Ba'th* procuram a identidade numa era de conformidade – uma era em que a cultura Ocidental se tornou quase universal»³.

É verdade que, por definição, todo o nacionalismo procura e cultiva a identidade. No entanto, o que é necessário sublinhar aqui é o carácter essencial e quase totalitário das raízes culturais na auto-afirmação do nacionalismo árabe. A influência do pensamento romântico alemão e italiano sobre os mestres, mais ou menos influentes, do nacionalismo árabe não deixa dúvidas. Assim, Aflak cita o sonhador, radical e subversivo Giuseppe Mazzini. Outra fonte de influência foi certamente o pensamento mais ou menos decadente dos grandes patronos europeus do nacionalismo árabe, Thomas E. Lawrence, Gustave Le Bon, Wilfrid Scawen Blunt, Martin Hartman, Freya Stark, Arnold Toynbee, John Glubb, Jean Genet, que exaltaram os diferentes valores autênticos que acreditaram ter encontrado, de tempos a tempos, nos árabes.

Para além das influências exteriores, a auto-percepção só podia chegar a uma concepção profundamente cultural do nacionalismo. A concepção árabe da sociedade política e da sua segurança funda-se na comunidade (*Gemeinschaft*) e no consenso.

² Na obra «Vers la Resurrection Arabe»; citado por Leonard Binder, "Radical Reform Nationalism in Syria and Egypt, I", *The Muslim World*, Vol. 44, No. 2, Abril de 1959, p. 102.

³ Kamel S. Abu Jaber, *The Arab Ba'th Socialist Party. History, Ideology and Organization*, Syracuse University Press, Syracuse, Nova Iorque, 1966.

Abdallah Saaf sublinhou muito bem esta auto-percepção política, quando analisa as bases da concepção securitária árabe. Cita Talaat Mossalim e acrescenta os seus comentários:

«La notion de sécurité arabe – écrit T. Mossalim – serait liée à “l’existence même des sociétés arabes, dont le lien commun est la langue arabe... Il s’agit de sociétés dont le système de valeurs repose principalement sur des religions monothéistes nées en leur sein et liées aux caractéristiques objectives de la région. Divers facteurs définissent la nature de ces sociétés et contribuent à la défense de son existence. Lorsque tel n’est pas le cas, les sociétés qui forment le monde arabe vivent un état d’insécurité : ainsi lorsqu’il est investi par des forces étrangères dont les éléments ne parlent pas sa langue et ne partagent pas son système de valeurs global ...” La sécurité est de plus en plus perçue par les auteurs arabes comme étant à la fois une question politique, sociale et ne pouvant se réaliser que sur la base d’un consensus général. Ses contours sont ceux-là mêmes qui délimitent la société, ses ressources, sa langue, ses symboles et son système des valeurs.»⁴

Tácito não teria descrito os Germanos de forma diferente.

Quais são as implicações deste forte enraizamento cultural no que diz respeito ao nacionalismo árabe? Desde logo, uma atitude ambígua em relação à modernidade e ao papel político efectivo que o mundo árabe pode e deve desempenhar nas relações internacionais.

Já se aludiu ao facto que os nacionalismos enraizados na *Kultur* têm todos, se bem que em diversos graus, problemas *vis-à-vis* a modernidade. Esta comporta um desafio que implica a mudança e a adaptação da cultura tradicional. A *Kultur*, quer seja ou não árabe, nunca é moderna. A participação no mundo moderno requer, senão uma ruptura, pelo menos uma revisão, ou uma reinterpretação – mais ou menos consciente – do passado e da cultura. O nacionalismo árabe, fundando-se explicita e fortemente na sua *Kultur*, rejeitou esta escolha ou fê-la de forma ambígua. O historiador tunisino Hichem Djaït, alargando o discurso ao mundo muçulmano, fez uma síntese muito eficaz deste ponto:

"For at least a century, the Muslim world has tended toward two principal goals in the course of its development: to participate in the modern world, but at the same time to demand recognition for its own special historical, cultural, and religious heritage. These two goals frequently converge, but they can also diverge. In fact, the search for recognition, through both nationalism and Islam, has always taken priority over everything else"⁵

Não é tudo. Na realidade, o que diz o Professor Djaït mostra também que os árabes têm tendência a crer que o verdadeiro problema não é o seu acesso à modernidade, cuja garantia estaria assegurada, mas a atitude do Ocidente de não reconhecer essa garantia e de,

⁴Abdallah Saaf, *Le discours stratégique arabe. Constantes et variations*, Cahiers du Lumiar, IEEI, Lisboa, 1994, pp. 16-17.

⁵"It's Time to Reverse the Condemnation of Salman Rushdie" in *For Rushdie: Essays by Arab and Muslim Writers in Defense of Free Speech*, Nova Iorque, George Braziller, 1994, p. 121, citado por Martin Kramer,

consequentemente, entravar o acesso usando a força e a opressão – isto, como Osama Bin Laden acabou de precisar, há 80 anos. Uma resposta mais complicada à relação com a modernidade consiste em fazer a crítica desta de um ponto de vista pós-moderno. Esta perspectiva gerou uma vasta literatura. Podemos-nos limitar aqui a relembrar a polémica entre os professores Ernest Gellner e Akbar Ahmed⁶, sem aprofundar a questão, que, de qualquer forma, afectou muito os meios intelectuais mas nem tanto os diferentes operadores da política (nacionalistas e islamistas).

A primeira implicação do carácter cultural do nacionalismo árabe é a aspiração a um papel de primeiro plano no mundo, papel que emanaria da sua herança e que, pelo contrário, é injustamente negado e recusado pelo Ocidente.

Esta atitude levou o nacionalismo árabe a, por um lado, pôr quase totalmente de lado a construção de uma base democrática e, por outro, à frustração e ao enfraquecimento dos seus regimes. Vejamos, em primeiro lugar, a democracia.

Como já foi sublinhado, os dois pólos da *Kultur* e da *Zivilisation* misturam-se, e nunca estão totalmente ausentes da formação concreta de qualquer nacionalismo. Não se pode negar que cada democracia tem as suas características e a sua formação particular. Mas a democracia que faz parte do discurso árabe é uma democracia étnica e comunitária que pouco tem a ver com o discurso democrático moderno. Não é uma adaptação entre a modernidade e o mundo árabe, mas uma fórmula tradicional e arcaica da democracia, que não é moderna.

Para além do debate sobre as interpretações culturalistas da democracia árabe⁷ (ou terceiro-mundista), o nacionalismo árabe mostra-se sobretudo cioso do reconhecimento da sua herança especial para que a possa usar como instrumento de afirmação na arena política internacional, ficando a democracia à margem do seu discurso. Como afirmou justamente Saad Eddine Ibrahim, os regimes nacionalistas impuseram um pacto político que sacrificou a democracia (e, podemos acrescentar, o bem-estar) no altar do nacionalismo:

*An implicit social contract, forged by the elites in the 1950s, had been predicated on a ‘trade-off’ between genuine political participation and palpable improvement in the quality of life of the citizens as well as the heady excitement of Arab nationalism. In other words, political freedom was sacrificed on the high altar of Arab nationalism.*⁸

A segunda consequência do enraizamento do nacionalismo árabe na *Kultur* é que a democracia política moderna se mostrou mais difícil de alcançar e quase estranha ao discurso

Arab Awakening & Islamic Revival. The Politics of Ideas in the Middle East, Transaction Publishers, New Brunswick, Londres, 1996.

⁶ Ernest Gellner, *Postmodernism, Reason and Religion*, Routledge, 1992; Akbar S. Ahmed, *Postmodernism and Islam. Predicament and Promise*, Routledge, 1992.

⁷ Ghassan Salamé, «Où sont les démocrates ?», in Ghassan Salamé (ed.), *Démocraties sans démocrates. Politiques d’ouverture dans le monde arabe et islamique*, Fayard, Paris, 1994.

⁸ Saad Eddin Ibrahim, “Crises, Elites and Democratization in the Arab World”, *Middle East Journal*, Vol. 47, No. 2, Primavera 1993, pp. 292-305; citação na p. 293.

político árabe. Isto não quer dizer que a cultura árabe seja constitucionalmente incapaz de exprimir uma democracia. No entanto, sem julgar o futuro, pode-se concluir que a prática e o discurso político do nacionalismo árabe puseram, de facto, a democracia de lado no contexto da história contemporânea.

O estreito laço com a sua *Kultur* e a falta de democracia fizeram com que, uma vez aberta a crise do nacionalismo, em particular a partir da derrota de 1967, o movimento religioso não tivesse dificuldade em tomar conta dos objectivos do nacionalismo. Com efeito, até esse momento o nacionalismo não tinha feito qualquer esforço para marcar a distinção entre a *Kultur* árabe, de que a religião é componente fundamental, e a modernidade, de que a democracia é, por seu lado, componente essencial. Os islamistas cortaram totalmente a modernidade e consideraram os regimes como traidores pró-ocidentais, e tomaram somente em consideração a «herança especial» dos árabes e dos muçulmanos.

Este interrelacionamento das partes em relação aos mesmos objectivos produz, aparentemente, alianças. Na Guerra do Golfo, Saddam Hussein, que usou e abusou do nacionalismo, recorreu a esta assimilação dos fins e, jogando a cartada religiosa, procura ganhar, ao mesmo tempo, o apoio dos fieis e exercer a sua hegemonia sobre eles. O discurso em que Osama Bin Laden explicou à cadeia *Al Jazira* os bons fundamentos da sua acção, recuperou para o Islão os conflitos do passado e do presente, transformou-os numa batalha incontornável entre o Islão e o Ocidente (ou a Cristandade) e transformou *ipso facto* todo o mundo, nacionalistas ou nem por isso, em crentes, obviamente às suas ordens. É claro que estas alianças reforçam a identidade dos religiosos e, conseqüentemente, enfraquecem a dos nacionalistas pondo estes, em última análise, ao serviço dos crentes.

Não tendo alimentado a sua identidade política pelo desenvolvimento de sistema políticos democráticos e modernos, os nacionalistas árabes encontram-se hoje subalternizados em relação aos religiosos, quando insistem na prossecução do nacionalismo árabe na sua forma tradicional, e igualmente subalternos do Ocidente, quando procuram contrariar os religiosos em busca da própria sobrevivência. A única alternativa seria começar a pôr a democracia na amálgama poluída do nacionalismo e adquirir assim uma identidade política mais forte e verdadeira, menos baseada na *Kultur* e mais na *Zivilisation*.